

# Cinevídeo

revista portuguesa de cinema



da mulher (Spacek) e do pai (Lemmon) do desaparecido para descobrir o seu paradeiro e que afinal vem a ser encontrado morto. «Yol», do turco Yilmaz Guney, foca os problemas da população curda da Turquia. O filme foi levado

a concurso à última hora para evitar objecções do Governo da Turquia, que tem pedido a extradição do realizador. Guney escreveu o argumento do seu filme na prisão, de onde fugiu há cerca de um ano.

## Cinema Árabe

A Cinequipa e os Cadernos do Terceiro Mundo, com o patrocínio do Portugal Hoje, organizaram em Lisboa uma Semana de Cinema Árabe e tiveram a amabilidade de nos convidar para uma exibição, a 10 de Maio, do filme argelino «Crónica dos Anos de Brasa», de Mahamed Lakhdar-Hamina. Agradecemos.

O cinema português no bom caminho

## As estreias de «SILVESTRE» e de «CONVERSA ACABADA»

por ZITA MARTINHO

A seguir a fitas comerciais e de transigência, sucedem-se no nosso panorama a estreia de dois filmes pretenciosos e de certo valor artístico e cultural. Isto é, depois do ano de 1982 se iniciam com «A Vida é Bela», de Luís Galvão Teles, «Verde Vinho», de Manuel Gama e «O Chico Fininho», de Sérgio Fernandes, sucedem-se as estreias a 6 de Maio, de «Silvestre», de João César Monteiro, e a 13 de Maio, de «Conversa Acabada», de João Botelho, dois filmes de certo merecimento, dois filmes de autores provincianos, cinéfilos com sorte e privilegiados, que conseguiram o apoio oficial e um clima favorável a dois projectos que não eram fáceis nem acessíveis, mas que, de facto, resultaram com certa dignidade e até com certa beleza. O êxito de «Silvestre» já vinha da sua apresentação no Festival de Veneza do ano passado

e o de «Conversa Acabada», também do prestígio sobretudo conseguido lá fora e o Grande Prémio que conquistou no último Festival de Antuérpia, pois o prémio atribuído na Figueira fora um prémio caseiro e turístico aludido na publicidade feita na tv pelo IPC e mais à Figueira do que ao filme. Porque «Conversa Acabada», experiência atrevida, arrojada, mesmo, não é um filme totalmente conseguido, tem boas soluções visuais, mas má declamação e tem um ar palavroso e intelectual, um modo dogmático e académico no tratamento de duas figuras do modernismo, Pessoa e Sá-Carneiro. Isto não significa de modo nenhum menor apreço ou menos simpatia pelo jovem realizador João Botelho, cinéfilo natural de Lamego, nascido a 11 de Maio de 1949 e que trocou um curso de engenharia pelo cinema. Como pôr restrições

a uma obra de grande beleza plástica, como «Silvestre», significa a nossa esperança real no realizador João César Monteiro, um valor muito promissor nascido na Figueira da Foz, em 2 de Fevereiro de 1939, de quem esperamos aquela obra rebelde que «Quem espera por papos de defunto» (1970), «Que farei eu com esta espada?» (1975), e mesmo «Veredas» (1977), nos prometiam. Aqui, em «Silvestre», o relato literário, encontrou uma intérprete de talento, Maria de Medeiros, um grande operador, Acácio de Almeida, e uma cenografia de certa beleza, num estilo que nos lembra o do filme francês «Perceval le Gaulois» (1978), conto medieval realizado por Eric Rohmer, fotografado por Nestor Almendros e com decors de Jean-Pierre Kohut Svelko e também com música dos séculos XII e XIII. O espectáculo, em «Silvestre», resultou artístico e meritório. E João César

CELULOÍDE 1982

Monteiro orientou o seu cinema num bom sentido, bem como João Botelho, apesar deste num campo mais experimental e até de notória influência expressionista. O IPC honra-se ao apoiar a produção de tais filmes.

### ZITA MARTINHO

**SILVESTRE**, Realização, argumento e montagem de João César Monteiro. Diálogos de Maria Velho da Costa e João César Monteiro. Música Popular Portuguesa interpretada pelo Grupo Etnográfico de Tuizelo. Música instrumental da Idade Média interpretada por Segréis de Lisboa (Manuel Morais, Helena Afonso, Catarina Latino, António Oliveira e Silva e Kenneth Frazier). Música de Perotinus Magnus, Claudio Monteverdi, Franz Schubert, Alonso Mudarra, W. A. Mozart e Edgar Varese. Fotografia em Eastman-color de Acácio de Almeida. Cenografia de Ana Jotta. Som de Vasco Pimentel e Paola Porru. Chefe electricista: Manuel Carlos da Silva. Misturas de Jean-Paul Loublier. Assistentes de realização: Helena Domingos, Margarida Gil e Teresa Schmidt. Intérpretes: Maria de Medeiros, Teresa Madruga, Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Melo, Xosé María Straviz, João Guedes, Rui Furtado, Raquel Maria, Cucha Carvalho, Rogério Vieira e Afonso Vasconcelos. Produção portu-

guesa de Paulo Branco para a V. O. Filmes-Instituto Português de Cinema. 35 m/m. L.33. T. de p. 110 min. Distribuidor em Portugal: Filmes Lusomundo. Estreia em Lisboa: Cine Bloco, 6 de Maio de 1982.

**CONVERSA ACABADA**. Realização e argumento de João Botelho. Diálogos de Helena Domingos. Fotografia colorida de Acácio de Almeida. Cenografia de Ana Jotta. Música de Jorge Arriagada. Montagem de Manuela Viegas. Som de Joaquim Pinto e Vasco Pimentel. Misturas de Jean-Paul Loublier. Chefe electricista: Manuel Carlos. Assistentes de realização: Helena Domingos e Carlos Ferreiro. Director de produção: Francisco Silva. Laboratórios: Tobis Portuguesa (imagem) e Nacional Fimes (som) e Billancourt (Paris). Intérpretes: Fernando Cabral Martins (Fernando Pessoa), André Gomes (Mário de Sá-Carneiro), Jorge Silva Melo (Apresentador), Juliet Berto (Helena), Manoel de Oliveira (Padre), Elsa Wellemkamp (Freira), Luís Pacheco (Pessoa na morte), Rogério Vieira (José Araújo), Helena Afonso (Cantora), Nuno Vieira de Almeida (Pianista), António Wagner (Apresentador no cabaret) e João Perry. Leitores de poemas: Helena Domingos (1.º e último), Susana Reis (Alberto Caeiro), Maria Reis (Ricardo

Reis), Joaquim Furtado (Alvaro de Campos), António Barahona (Fernando Pessoa, ortónimo) e Osório Mateus (Mário de Sá-Carneiro). Marinheiro: Zita Duarte (Primeira Veladora), Isabel de Castro (segunda Veladora) e Glicínia Quartín (Terceira Veladora). Confissão de Lúcio: João Perry (Ricardo), André Gomes (Lúcio), Leonor Pinhão (Martha) e Isabel Ruth (Americana). Produção portuguesa de António Pedro Vasconcelos para a V. O. Filmes — Instituto Português de Cinema — Fundação Calouste Gulbenkian — Rádio Televisão Portuguesa. T. de p. 180 min. Distribuidor em Portugal: Rank Filmes. Estreia em Lisboa: S. Jorge 3, 13 de Maio de 1982.

## ABC Cine-Clube de Lisboa e Imagem

Também teve a amabilidade de nos remeter um livre trânsito para assistirmos em 1982 às suas sessões culturais, o ABC-Cine-Clube de Lisboa, que reaparece animado de bons propósitos. Também ressurgiu outro cine-clube lisboeta, o Imagem. Mas o ambiente não vai favorável para o movimento. Agradecemos as notícias, bem como dos cine-clubes de Guimarães, Faro e Torres Novas.